



Rodoanel, Trecho Norte, Guarulhos.  
Fonte: foto da autora, 2016

## Relatos da realização das entrevistas com serventes de obra do Lote 05 do Rodoanel Trecho Norte

Juliana Barbosa Souza\*

Orientadores: Prof. Dr. José Eduardo Bavarelli (EC, FIAM-FAAM e FAU-USP) e Prof. Ms. Pedro Lopes (EC) Pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida junto ao projeto Contracondutas entre junho de 2016 e janeiro de 2017

“Sou estagiária de arquitetura e urbanismo num setor da Dersa (empresa da Secretaria de Transportes e Logística do Estado de São Paulo) chamado Gestão Social e Reassentamento, que lida com desapropriações e reassentamento numa das principais obras viárias do Estado de São Paulo: o Rodoanel Trecho Norte. [...] Achei que minha relação de trabalho com a Dersa facilitaria a realização da pesquisa de iniciação científica, que envolve a entrevista com o mais simples trabalhador das frentes de obra, o servente-geral. No entanto, ter acesso aos trabalhadores do Rodoanel Trecho Norte foi muito mais difícil que ter acesso aos moradores afetados pela obra. [...] O engenheiro fiscal exigiu também que o material relacionado às entrevistas fosse enviado para uma análise de imprensa e dele mesmo. Pelo que a comunicóloga me alertou, ele não permitiria que entrevistas fossem feitas sem antes ter absoluta certeza do que seria perguntado e se as perguntas tinham a intenção de causar algum escândalo. A intenção das entrevistas é entender como as empresas construtoras aferem e controlam a produtividade de um trabalhador tão desqualificado profissionalmente como o servente-geral.”

### Reports of interviews with workers of the Rodoanel North Section

“I am an intern of architecture and urbanism in a sector of Dersa (company in the Department of Transportation and Logistics in the State of São Paulo) called Social Management and Resettlement, which deals with expropriations and resettlement in one of the main road works in the State of São Paulo: the *Rodoanel* North Section. [...] I thought that my work relation with Dersa would facilitate the accomplishment of the scientific initiation research, which involves interview with the simplest front-line worker, the general helper. However, having access to the *Rodoanel* North Section workers was much more difficult than having access to the affected residents. [...] The fiscal engineer also demanded the material related to the interviews to be sent to the press review and to himself. From what the communicator warned me, he would not allow interviews to be done without first being absolutely sure what would be asked and whether the questions were intended to cause any scandal. The intent of the interviews is to understand how construction companies measure and control the productivity of a worker as professionally disqualified as the general helper.”

### Informes de entrevistas con funcionarios del Rodoanel Norte

“Hago una pasantía en arquitectura y urbanismo en el sector de Gestión Social y Reasentamiento del Dersa (empresa filiada a la Secretaría de Transportes y Logística del Estado de São Paulo) que es responsable por las expropiaciones y reasentamiento de personas en una de las principales obras viales del Estado de São Paulo: el *Rodoanel* Norte. [...] A principio me pareció que mi relación laboral con la empresa Dersa haría más fácil la realización de la investigación académica, ya que se trataba de una serie de entrevistas con el ‘encargado-general’, un tipo de obrero responsable por las tareas más elementales de la obra. Sin embargo, tener acceso a los trabajadores de la construcción del *Rodoanel* Norte fue más difícil que acceder a los moradores afectados por la obra. [...] El ingeniero exigió que el material de las entrevistas fueran sometidos al examen de un equipo interno. Me avisaron que el ingeniero no permitiría entrevistas sin antes aprobar las preguntas, supuestamente para evitar escándalos. El propósito de las entrevistas era entender como las constructoras suministran y controlan la productividad de estos trabajadores tan descalificados como el ‘encargado-general.’”

\* Aluna de graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo da FIAM-FAAM, Faculdades Metropolitanas Unidas.

Sou estagiária de arquitetura e urbanismo num setor da Dersa (empresa da Secretaria de Transportes e Logística do Estado de São Paulo) chamado “Gestão Social e Reassentamento”, que lida com desapropriações e reassentamento numa das principais obras viárias do Estado de São Paulo: o Rodoanel Trecho Norte. Em meu estágio, tenho contato direto e frequente com os diferentes lotes de empresas e canteiros centrais que compõem esta obra. Pensava que minha relação de trabalho com a Dersa facilitaria a realização da pesquisa de iniciação científica, que envolve a entrevista com o mais simples trabalhador das frentes de obra, o servente-geral; no entanto, ter acesso aos trabalhadores do Rodoanel Trecho Norte foi muito mais difícil do que ter acesso aos moradores afetados pela obra.

Primeiro, precisei apresentar o tema da pesquisa ao gerente de setor, um arquiteto que não lida diretamente com procedimentos de construção, e pedir liberação para visitar algumas frentes de obra. Após a autorização, com a condição de que a pesquisa não prejudicasse meu trabalho dentro da empresa, tive que pedir, dias depois, a ajuda ao coordenador de divisão, um dos profissionais que mais se comunica com os estagiários. Graças a esta boa vontade, pude manifestar minha necessidade de fazer as entrevistas com os serventes, pois não estava encontrando uma brecha para poder visitar alguns lotes de empresas.

Este coordenador me encaminhou para o Lote 5 do Rodoanel Trecho Norte, localizado na região periférica de Guarulhos. Seu responsável era o Consórcio Construcap-Copasa e, dentro deste consórcio, eu deveria entrar em contato com uma profissional específica, chamada “comunicóloga”. Um “comunicólogo” é o responsável por encaminhar e manter cientes o engenheiro fiscal, os encarregados das frentes e os chefes de departamento sobre todos os acontecimentos que interferem no lote de obra. Novos e-mails e compatibilizações de agenda foram necessários, bem como a autorização do engenheiro fiscal do Lote 5 (a autoridade máxima dentro do canteiro), o qual autorizou que as entrevistas fossem realizadas apenas das 12h às 13h, no horário de almoço dos serventes.

O engenheiro fiscal exigiu também que o material relacionado às entrevistas fosse enviado para análise da assessoria de imprensa, e dele mesmo. Pelo que a comunicóloga me alertou, ele não permitiria que entrevistas fossem feitas sem antes ter absoluta certeza do que seria pergunta-

do e se as perguntas tinham a intenção de causar algum escândalo.

A intenção deste trabalho era entender como as empresas construtoras aferem e controlam a produtividade de um trabalhador tão desqualificado profissionalmente como o servente-geral. Se fosse possível realizar uma entrevista semiestruturada, perguntas sobre o passado e as expectativas futuras deste trabalhador procurariam investigar a visão tradicional do servente como pessoa sem escolaridade ou ambições profissionais, por mais que ele seja assim tratado na frente de obra.

Não modifiquei o potencial crítico de nenhuma pergunta; não houve questionamento por conta do consórcio e fui autorizada, finalmente, a fazer as entrevistas.

## O primeiro dia de entrevistas

**09:30:** Encontro o motorista da empresa e os funcionários que vão me dar uma carona até o Lote 05 do Rodoanel Norte, em Guarulhos. O trânsito estava lento na Via Dutra, e isso fez com que nos atrasássemos.

**11:20:** Chego ao Lote 05, um lugar amplo e organizado. Há guaritas, um grande refeitório nos fundos do canteiro, escritórios e estacionamentos. Há muitos funcionários circulando com capacetes, caminhões estacionados e, à esquerda da entrada, uma central de concreto de uma empresa terceirizada.

Dirijo-me à Sala da Comunicação e Assistência Social, onde devo encontrar a comunicóloga Cassia. Nós nos cumprimentamos e ela me mostra uma lista de serventes que ela havia previamente preparado para que saíssem das frentes de trabalho. Era uma forma de saber quantas pessoas eu poderia entrevistar no intervalo que tinha disponível. A comunicóloga foi logo me avisando que teríamos pouco tempo para realizar as entrevistas. Os serventes estavam espalhados em quatro frentes de obra, quilômetros de distância uma da outra, separadas por caminhos de serviço de terra e esburacadas.

**11:40:** Pegamos o carro do Consórcio, um Gol branco, e fomos para a primeira frente de obra, onde os serventes já estavam sendo liberados para o horário de almoço. Este era o único horário para realizar as entrevistas nas duas frentes de obras mais próximas do canteiro do Lote 05.

**12:00:** Logo que estacionamos, já fui saindo do carro com a prancheta e a caneta enquanto a



comunicóloga se apresentava para o encarregado da frente de obra. O encarregado foi muito simpático e, sem rodeios, deu o aval. O refeitório provisório da frente de obra era um lugar coberto, sem vedações e bem rústico. Tinha bancos e mesas coletivas de madeira pintada, armários velhos e ganchos para pendurar roupas e equipamentos. Apesar de simples era um local de certa forma limpo, sem comida ou entulhos pelo chão. A comunicóloga foi logo pedindo para os serventes dez minutos do tempo deles para serem entrevistados, e organizou-os sentados numa fila, para que eu não perdesse tempo chamando-os. Comecei imediatamente as entrevistas, que foram seis, com duração em torno de cinco minutos cada.

**12:30:** Nós nos despedimos dos serventes, agradecemos rapidamente o encarregado e, com muita pressa (a comunicóloga correu bastante), chegamos à segunda frente de obras em cinco minutos. O horário do almoço já estava chegando ao fim. Enquanto a comunicóloga pedia autorização, me instalei numa casinha abandonada próxima, porém limpa e organizada. Havia mesas e bancos coletivos. Do lado de fora, uma varanda com uma mesa de pebolim e outra mesa, na qual os serventes estavam jogando cartas. A comunicóloga avisou-os a respeito das entrevistas, e se desculpou pelo horário. Todos já estavam de capacete e pareciam bem dispostos. Sentei-me na mesa em que estavam jogando de cartas e consegui realizar quatro entrevistas. Desta vez, não tive tanta pressa, pois o encarregado da frente de obra parecia tranquilo com o horário.

**13:10:** Terminei o último entrevistado. Agradecemos ao encarregado e aos serventes e voltamos com calma para o carro. Consegui, em apenas uma hora, me deslocar entre duas frentes de obra. Não alcancei a minha meta de entrevistas para aquele dia, que eram no mínimo quinze, pois para isso eu precisaria de um período maior. Só em campo era possível compreender isso.

O resultado deste primeiro dia de entrevistas, com respostas agrupadas, é apresentado a seguir.

## **Resultado do primeiro dia de entrevistas**

### **Como é sua rotina dentro do canteiro obras? Normalmente, quais são seus horários de entrada, pausa e saída?**

Ivanildo Francisco Souza Jr (26 anos): Trabalho de segunda a sexta, das 07h às 17h.

Tenho uma hora de almoço, quase sempre das 12h às 13h.

Elias Pereira (44 anos): Entro no trabalho bem cedo, às 07h, tenho uma hora de almoço, das 12h às 13h. Quase sempre acabo fazendo hora extra, por isso saio normalmente às 19h.

Flavio Oliveira (53 anos): Entro aqui às 07h, paro para almoçar das 12h às 13h. Volto a trabalhar, e só saio às 17h. Não gosto de fazer horas extras.

Hosano Lopes da Silva (21 anos): Costumo entrar às 07h30, meu almoço é das 12h às 13h. Saio do trabalho às 17h30.

José Domingos (41 anos): Minha entrada é às 07h, meu horário de saída é às 17h. Meu almoço é das 12h às 13h.

Lucas Firmino da Silva (20 anos): Entro às 07h e saio às 17h. Meu almoço é das 12h às 13h.

Gilson Viera Silva (28 anos): Meu horário é das 07h30 às 17h30, e tenho uma hora de almoço, das 12h às 13h.

Elias Silva de Almeida (22 anos): Às vezes saio mais tarde, por que faço horas extras. Mas meu horário é das 07h às 17h, e almoço das 12h às 13h.

João Batista Nunes Freire (43 anos): Meu horário é igual ao de todos, das 07h às 17h, e almoço das 12h às 13h.

José da Silva (42 anos): Trabalho quase sempre das 07h às 19h, e faço minha hora de almoço das 12h às 13h.

Dentro da atual condição, existe algum tipo de mudança que você faria dentro do seu local de trabalho?

Ivanildo: Sim, tem uma mudança que eu faria, é sobre minha tarefa diária. Acho que eu poderia mudar, às vezes, de função, e não ficar todos os dias no mesmo local.

Elias: Trabalho aqui há bastante tempo, não acho que precise mudar alguma coisa. E eu não tenho como mudar nada.

Flavio: Gosto de trabalhar aqui, não penso em mudar nada.

Hosano: Não, não tem nada para mudar aqui, o trabalho sempre foi assim.

José Domingos: Sou servente há bastante tempo, estou muito acostumado com o canteiro e não dá para mudar nada. Mas é sempre bom ter alguma melhora.

Lucas: Esse é meu primeiro emprego em São Paulo, acho que ainda não tenho como mudar nada.

Gilson: Já trabalhei com tantas coisas, acho que aqui poderia melhorar muito, principalmente o nosso salário.

Elias: Estou satisfeito e fico feliz por trabalhar aqui – não tenho nada para reclamar o momento.

João: Gosto de trabalhar aqui, mas gostaria de mudar meu horário de serviço. Preciso acordar muito cedo para estar aqui às 07h – isso me deixa exausto.

José da Silva: Trabalhar aqui foi a única alternativa na época. Se eu pudesse, melhoraria muitas coisas, teria tempo para terminar a escola e trabalharia menos, porque o trabalho aqui é pesado e volto para casa muito cansado todos os dias.

### **Qual seu nível de escolaridade? Você se sente à vontade ao ler uma instrução de uso de algum material usado na obra?**

Ivanildo: Tenho o ensino médio completo. Bem, me sinto, sim, à vontade quando preciso ler alguma instrução no trabalho.

Elias: Não fui alfabetizado, aqui tudo que tenho que fazer meu encarregado ou meus colegas me explicam, e eu faço.

Flávio: Estudei até o colegial, sei ler e fazer contas, e me sinto à vontade para ler e fazer o que estiver escrito.

Hosano: Estudei até a 5ª série. Sei ler, mais não muito bem, não tenho coragem de ler uma instrução, porque posso não entender e acabar fazendo tudo errado.

José Domingos: Sou alfabetizado. Terminei o ensino médio e me sinto completamente à vontade para ler instruções de materiais que usamos aqui.

Lucas: Terminei meus estudos e penso em fazer uma faculdade, não sei de que ainda. Mas me sinto seguro para ler qualquer instrução de material que tiver aqui.

Gilson: Tenho o segundo grau completo, e consigo fazer sozinho o que estiver escrito na instrução.

Elias: Frequentei a escola até o 1º ano do colegial, e me sinto à vontade para ler instruções – consigo, sem dúvidas, fazer o que estiver escrito no material.

João: Estudei até a 4ª série em outro estado, sei ler bem e me sinto confiante para ler instruções de materiais.

José da Silva: Estudei na minha cidade, fiz até a 7ª série. Sei ler bem e posso fazer o que estiver escrito na instrução.

### **Você já trabalhou fora da construção civil? Já fez bicos ou trabalhos não oficiais?**

### **Quando começou a trabalhar com carteira assinada?**

Ivanildo: Já trabalhei em outras empresas como conferente de carga e ajudante-geral em lojas e indústrias, sempre com carteira assinada.

Elias: Já trabalhei, sim, fora da construção, em fábrica de blocos e na roça. Geralmente, aos sábados, faço bicos com reciclagem.

Flávio: Nunca trabalhei fora da construção. Desde garoto sou servente, não gosto de fazer bicos e sempre trabalho com carteira assinada.

Hosano: Sim, já trabalhei em lava rápido, limpando e lavando carros. Não tinha registro em carteira.

José Domingos: Sou metalúrgico formado pelo SENAI. Lá, eu mexia com as máquinas e era balanceiro.

Lucas: Antes eu trabalhava em mercado como auxiliar-geral, mas, quando era adolescente, trabalhava na roça com meus pais. Esse é meu primeiro trabalho com carteira assinada.

Gilson: Já trabalhei em metalúrgicas, usina de álcool e açúcar também, todos com carteira assinada.

Elias: Sempre fui servente, antes, em outra empresa, e agora aqui. Não faço bicos.

João: Trabalhei a minha vida toda na montagem de eventos e formaturas. Não faço bico, pois trabalho de sábado aqui na obra.

José da Silva: Antes eu trabalhava como porteiro de condomínio, gostava bastante. Mas fui mandado embora, e agora trabalho aqui. Não faço bico porque preciso descansar no fim de semana.

### **Você sempre morou nessa cidade? Onde você morava antes de começar este trabalho? Há quanto tempo você trabalha para essa empreiteira e de que forma foi seu ingresso?**

Ivanildo: Moro atualmente em Itaquaquetuba (próximo a Guarulhos), mas nasci em Suzano. Não fui indicado por ninguém da minha família ou cidade, estou nesse emprego há dois meses, e consegui essa vaga através de anúncios de empregos.

Elias: Moro em Guarulhos, no bairro Recreio São Jorge, minha casa é própria. Vim de Guirás, no Piauí. Vim sozinho para São Paulo, mas já tinha meu irmão que morava aqui. Estou há 20 anos na cidade, e não tenho nenhum parente ou amigo nos bairros em que trabalhei aqui na obra.

Flavio: Moro de aluguel em Guarulhos, no bairro Santos Dumont, próximo ao aeroporto. Vim sozinho de Minas Gerais, da cidade de Vesana, em 1993.

Hosano: Moro em Guarulhos, no bairro Vila União. Vim do Ceará, da cidade de Boa Viagem, há seis anos. Trabalho para esta empreiteira há um ano e quatro meses.

José Domingos: Moro de aluguel em Guarulhos, no Jardim São Domingos, mas tenho casa e cresci no interior de São Paulo, em Cruzeiro (tenho vontade de voltar para lá). Trabalho nessa obra há dois anos.

Lucas: Moro em Guarulhos, no bairro Soberana. Vim do Pernambuco, da cidade de Bom Conselho, mudei para São Paulo quando era adolescente e com a família inteira. Em Pernambuco era difícil, aqui temos mais opções de emprego. Estou nessa obra há dois anos e dois meses.

Gilson: Sou alagoano, mudei para São Paulo em 1986. Moro em Guarulhos, no bairro Vila União, e trabalho para esta empreiteira há três anos, desde o início da obra.

Elias: Moro em Guarulhos, no bairro Novo Recreio. Sou baiano e vim para São Paulo há dois anos. Quando resolvi vir para cá, trouxe minha esposa, e moramos de aluguel. Eu trabalho para esta empreiteira há quase um ano e meio.

João: Mudei para São Paulo em 1991. Sou baiano e trabalho na obra do Rodoanel há um ano e quatro meses. Moro sozinho, em Guaiana-ses, na zona leste de São Paulo.

José da Silva: Entrei aqui como servente em abril de 2013. Sou alagoano, vim para São Paulo em 1995, sozinho, para trabalhar. Não tenho indicações aqui. Moro sozinho, mas tenho parentes no meu bairro.

#### **Conte-me sobre sua composição familiar. Você é casado? Tem filhos?**

Ivanildo: Ainda não sou casado e moro com meus pais e meus irmãos. Lá em casa, somos todos maiores de idade e trabalhamos.

Elias: Sou casado e tenho três filhos. Minha esposa e filhos não trabalham, pois estão desempregados no momento.

Flavio: Não sou casado, não tenho filhos ainda e moro sozinho, próximo ao aeroporto de Guarulhos.

Hosano: Sou casado, mas não tenho filhos. Minha esposa me ajuda na renda de casa, ela trabalha em uma metalúrgica.

José Domingos: Moro aqui, com minha esposa e meus dois filhos. Meus filhos são maiores de idade e trabalham – o meu mais velho é operador de rádio.

Lucas: Minha família mora agora aqui, em Guarulhos. Moro com eles e não sou casado ainda.

Gilson: Vim para São Paulo com minha tia, e ainda moro com ela. Prefiro morar aqui por causa dos empregos.

Elias: Sou casado e moro com minha esposa, que também é baiana e veio para São Paulo comigo. Não queremos filhos agora.

João: Sou casado e tenho dois filhos – de 14 e 08 anos. Moramos todos juntos, e só eu trabalho no momento lá em casa.

José da Silva: Sou solteiro, nunca casei e não pretendo casar no momento. Não tenho filhos e moro sozinho.

#### **Como é sua relação com a empresa? Você se sente valorizado no trabalho? Sente alguma diferença entre a empresa que trabalha atualmente e as outras em que já trabalhou?**

Ivanildo: Trabalho há dois meses para a Construcap, é minha primeira experiência como servente de obra. Sinto muito a diferença entre este trabalho e os anteriores, principalmente em relação ao ambiente de trabalho. Por enquanto, sinto que tenho importância aqui dentro.

Elias: Trabalho aqui há três anos – foi quando o trecho norte começou. Não sei se me sinto valorizado, mas sinto muita diferença entre trabalhar aqui e na roça, pois antes o trabalho era mais pesado.

Flavio: Trabalho para esta empresa há dois anos, e me sinto bem aqui. Sou responsável por cuidar deste “local”, e não sinto muito a diferença entre trabalhar aqui e os meus antigos trabalhos. Mas prefiro e gosto mais daqui.

Hosano: Eu me sinto à vontade trabalhando aqui. Não sou valorizado como queria, mas eu entendo que faz parte dessa área da construção. Trabalho aqui há mais de um ano, e já estou acostumado com o dia a dia.

José Domingos: Gostava mais de trabalhar na metalúrgica; aqui o serviço é muito mais puxado. Não me sinto nem um pouco valorizado, não tenho liberdade e muito menos incentivos aqui dentro.

Lucas: Eu me sinto normal trabalhando aqui. Para mim é uma experiência, e acho que sou

valorizado, pois meu trabalho é importante para a obra.

Gilson: Gosto de trabalhar aqui, é melhor do que meu último emprego. Claro que se surgir outro emprego melhor eu aceito, dependendo muito da oportunidade e do salário.

Elias: Eu acho que meu trabalho é valorizado aqui, e me sinto e me dou bem com meus colegas de trabalho e encarregado. Como já trabalhava nessa área, não sinto tanta diferença entre a antiga empresa, e este trabalho de agora é melhor, porque tenho registro e um salário razoável.

João: Gosto de trabalhar na construção do Rodoanel, e me dou bem aqui nessa empresa. Acho que sou valorizado, mas na área da construção é um pouco complicado mostrarem isso.

José da Silva: Para mim é normal trabalhar aqui. Acho que sou valorizado e gosto do ambiente; o dia passa rápido e, quando percebo, já é a hora de ir embora.

**Quem é o encarregado pela suas atividades e funções? Existe variação de serviço de um dia para o outro? Você já passou por algum treinamento antes de realizar um serviço específico?**

Ivanildo: Meu encarregado é o José de Abreu, o “Chapolin”. Não tenho mudanças de funções e tarefas por enquanto, e passei por um treinamento de segurança no trabalho, apenas. Minha função é o apontamento.

Elias: Meu encarregado é o José Dias. Minha função aqui é a limpeza do canteiro e dos refeitórios, e não tenho variação de funções. Já passei por muitos treinamentos; gosto e vou a todos, mas é sempre de equipamentos de segurança. Aqui trabalhamos por hora, é por isso que sempre faço hora extra.

Flavio: Meu encarregado é o José Dias. Não recebi treinamentos sobre serviços, mas, sim, sobre equipamentos de segurança. Aqui sou zelador; eu cuido da casa que os serventes e os encarregados usam para se trocar e almoçar. Tenho uma certa idade já, e não penso mais em ser oficial.

Hosano: Aqui dentro não existe treinamento de aperfeiçoamento, pelo menos eu nunca tive nenhum, fora esses que a gente tem todo mês sobre equipamentos de segurança e serviços gerais (nada muito bom). Meu encarregado é o “Chapolin”.

José Domingos: Aqui recebemos diversos treinamentos sobre segurança. Eu pretendo voltar para o interior, então não ligo muito para me aperfeiçoar aqui dentro, tenho outros objetivos. Meu encarregado é o José “Chapolin”.

Lucas: Eu pretendo me especializar em alguma função, mas treinamentos nós não temos aqui, só aqueles de equipamentos mesmo. Meu encarregado é o José Dias no momento.

Gilson: Espero ter oportunidades aqui dentro, por isso vou a todos os treinamentos que eles pedem. Mas são treinamentos gerais de segurança, nada muito específico – é mais sobre EPI e EPC. Meu encarregado nessa frente é o José Dias.

Elias: Meu encarregado é o José Dias. Eu gosto dele, aqui nós recebemos vários treinamentos sobre segurança no trabalho; fora isso, não temos outros tipos de treinamentos e também não variamos de função quase nunca.

João: Tenho muita vontade de me tornar um oficial. Acho que dá para aprender trabalhando e olhando os outros oficiais, mas treinamentos não temos – e acho que nunca teremos, porque aqui temos que trabalhar bastante para cumprir o que o encarregado pede. Eu raramente vario de função, normalmente fico sempre no mesmo setor. Meu encarregado é o “Chapolin”.

José da Silva: Meu encarregado é o Reinaldo. Sou servente de obras e minha função aqui é como grevista. Raramente tenho variação de tarefas; meu encarregado é um homem legal, sempre me dá instruções e nos libera sempre quando tem treinamentos de segurança.

**Você entende o quanto o seu trabalho integra e complementa o andamento da obra? Seu encarregado procura explicar o andamento geral da obra? Você sente liberdade para sugerir ou opinar sobre outras formas de execução do serviço?**

Ivanildo: Eu sei que meu trabalho é importante para essa obra, mas não tenho noção nenhuma de como está o andamento dela. Acho que é porque estou há poucos meses nesse trabalho, ainda não tenho liberdade para dar sugestões aqui. Mas me sinto à vontade dentro do canteiro.

Elias: Não sei muito bem, mas acho que o que eu faço aqui não complementa a obra. Eu só cuido da limpeza, aqui não sabemos quando vai acabar a obra e nem muito sobre o andamento; eu praticamente não vou para as frentes de

obras, então não tenho como dar opiniões e sugestões.

Flavio: No momento, estou com a função de zelador. Então fico aqui a maior parte do tempo, cuidando desse espaço que o pessoal almoça e fica na hora livre. Não estou acompanhando o andamento da obra e não sei se está perto de acabar; dou sugestões só aqui dentro porque na frente de obra não posso ir, no momento.

Hosano: Trabalho com serviços gerais dentro da frente de obra. Posso dizer que meu trabalho complementa a obra, sim, pois minha função é ajudar a carregar e descarregar os materiais que chegam e, sem material, não tem como fazer o serviço. Tenho um pouco de noção de como está o andamento da obra, mas meu encarregado nunca fala sobre isso, e nós também não perguntamos. Sinto liberdade para dar sugestões no dia a dia, e não sei ainda quando iremos terminar essa obra.

José Domingos: Meu serviço é dentro da frente de obra, minha função é o sombreamento (andaimas). Eu entendo que meu trabalho é importante para a obra e que sem os andaimes, não conseguimos realizar a maioria dos serviços. Olha, aqui dentro, não sinto liberdade para opinar e também não sei como está o andamento da obra e quando iremos terminar.

Lucas: Trabalho também com serviços gerais, dentro da obra, e acho que meu trabalho complementa, sim, a obra. Aqui não sabemos quando a obra vai terminar, mas quem trabalha há mais tempo, há uns três anos, tem mais noção de como está o andamento da obra do que eu, que entrei a pouco. Sinto liberdade para dar opiniões sobre meu serviço.

Gilson: Atualmente, minha função é o apontamento (registros à mão de entradas e saídas de materiais). Trabalho dentro da obra, mas não tenho noção de como está o andamento e nem de quanto tempo falta para terminar. Eu me sinto à vontade, mas nunca dei sugestões, acho que não precisa.

Elias: Fico dentro da obra, sou ajudante-geral, e sinto liberdade para dar opiniões sobre serviços que eu já fiz. Não sei muito sobre o andamento da obra e nem sobre quando ela irá terminar – eles não costumam explicar sobre isso.

João: Fico a maior parte do tempo dentro da obra, então acho que meu trabalho é importante para a obra, sim. Meu encarregado sempre me mantém orientado sobre nossas funções e tarefas, mas, sobre o término da obra, raramente

temos informações. Eu me sinto muito à vontade, acho que porque trabalho aqui há um ano e quatro meses. Eu sempre dou opiniões sobre os serviços.

José da Silva: Faço meus serviços dentro do canteiro e imagino que ele seja importante para a obra. Meu encarregado, Reinaldo, sempre me ajuda e me dá liberdade para dar opiniões dentro da obra. Sobre o andamento, para falar a verdade, nenhum de nós sabe exatamente como está e nem quando irá terminar.

**Quais são suas pretensões e objetivos futuros? Você gostaria de se aperfeiçoar na área da construção civil ou gostaria de mudar de ramo? Quais são as oportunidades que você acredita que existam para aprender e se aperfeiçoar na área?**

Ivanildo: Tenho vontade de crescer e me aperfeiçoar aqui dentro, gosto muito deste trabalho. Não penso em sair por enquanto, porque tenho planos para meu futuro na construção. Aqui dentro não temos como nos aperfeiçoar, não existe escola para isso; acho que temos que aprender olhando e fazendo serviços diferentes quando temos chances.

Elias: Eu escolhi trabalhar aqui e me sinto muito bem. Gostaria de melhorar, mas não tenho estudos, então é muito complicado crescer. Até porque aqui dentro, é necessário ter os estudos e aprender rapidamente as coisas, e não tem treinamento para as funções. Então não sei como eu poderia fazer para crescer aqui.

Flavio: Estou aqui desde o início da obra e gosto muito de trabalhar para esta empresa. Mas não tenho mais pretensões para me tornar um encarregado ou oficial, aqui não temos incentivo e muito menos treinamentos que nos ajudem a ter um cargo maior.

Hosano: Eu gostaria de crescer dentro da empresa, por isso vou ficar mais um pouco trabalhando como servente aqui. Quero muito uma oportunidade de me tornar um oficial, mas não sei se isso é possível. Aqui dentro, não temos muitas opções, e também eu nunca tive nenhum treinamento ou teste para subir de cargo. Vou esperar mais um pouco, não quero ser servente por muito mais tempo.

José Domingos: Aqui nós não temos incentivo nenhum para crescermos e nos aperfeiçoarmos. Eu mesmo não tenho pretensões para um futuro aqui dentro. Meus filhos já estão criados e minha esposa está se aposentando. Não está nos meus



planos me tornar oficial, até por que já passei da idade. Meu único objetivo é me aposentar e voltar para minha cidade, em Minas gerais.

Lucas: Sou jovem ainda e tenho pouco tempo de empresa, mas pretendo, sim, me especializar e me tornar um oficial aqui dentro. Não sei como funciona para subir de cargo, mas acredito que seja possível e, caso isso demore muito tempo ou não aconteça, penso em talvez sair desta empresa. Mas não quero deixar de trabalhar na construção, é algo de que gosto muito, e que quero fazer para a vida inteira.

Gilson: Pretendo me aperfeiçoar e subir de cargo aqui dentro. Também quero ter um salário melhor, mas aqui dentro, durante todos esses anos, nunca tivemos um treinamento específico. Então, não sei quanto tempo mais terei que ser servente.

Elias: Estou satisfeito com meu serviço, gostaria de subir de função, mas não sei quando isso vai acontecer. Enquanto não acontece, eu penso em manter meu emprego, porque sou chefe de família e não posso correr o risco de ficar sem trabalho.

João: Antes eu trabalhava montando eventos, e minha pretensão é voltar a fazer isso. Eu não gosto de trabalhar na construção, aqui o salário é pouco e o trabalho é muito. Mas, sabe como funciona a vida: eu não posso ficar desempregado, então aceitei esse emprego por enquanto.

José da Silva: Trabalho aqui já faz um tempo, fiz uma seleção normal e fui contratado como servente de obras. Pretendo me aperfeiçoar e receber um cargo e um salário maiores. Aqui, nós não temos treinamentos dentro da obra, então o jeito é aprender no dia a dia e mostrar serviço. Assim, pode ser que eu consiga me tornar oficial dentro de alguns anos.